

MUDANÇAS NA COMPOSIÇÃO DAS CULTURAS AGRÍCOLAS E A URBANIZAÇÃO NA REGIÃO DE ARAÇATUBA, ESTADO DE SÃO PAULO¹

Danton Leonel de Camargo Bini²

1 - INTRODUÇÃO

Do início da ocupação capitalista na primeira década do século XX, até os anos de 1950, o que se classifica hoje como Região Administrativa (RA) de Araçatuba não existia como delimitação oficial, rígida e precisa. As regiões ou subdivisões do espaço geográfico do Estado de São Paulo apenas indicavam as grandes áreas de ocupação obtidas pela elite paulista através da instalação das ferrovias. Assim, classificavam-se as regiões pelo nome das companhias ferroviárias que no espaço geográfico se anexaram. No caso do que é hoje a Região Administrativa de Araçatuba, tinha-se a Noroeste, onde os municípios de Penápolis, Birigui e Araçatuba apareciam como os mais importantes. Bragantina, Mogiana, Araraquarense, Alta Araraquarense, Paulista, Alta Paulista, Sorocabana, Alta Sorocabana eram as outras regiões também nomeadas pelas companhias ferroviárias.

Após mudanças acontecidas em vários governos no decorrer das décadas, com o intuito de dimensionar fragmentos territoriais para fins de planejamento e gestão das políticas públicas, a divisão político-administrativa do Estado compõe-se de 15 Regiões Administrativas - a Região de Araçatuba é uma delas - e 42 Regiões de Governo (RGs)- com a RA de Araçatuba possuindo as RGs de Andradina e Araçatuba (Figura 1).

2 - PROCESSO HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO DAS TERRAS NA REGIÃO DE ARAÇATUBA

Antes da expansão da lógica capitalista de propriedade, uso e gestão das terras localizadas no oeste paulista, eram os indígenas caingangues que viviam e dominavam essa porção territorial. Até o início do século XX, em uma relação de equilíbrio com a natureza, os caingangues não desenvolviam mudanças acentuadas em suas terras. Esse processo de territorialidade significou que eles não construíram objetos-próteses no que hoje é a região de Araçatuba.

Desde antes da chegada dos portugueses até o início do século XX, os caingangues mantiveram seus domínios no que hoje é o extremo oeste paulista. Já no século XVII, com a especulação de haver ouro no Mato Grosso, o rio Tietê se tornou rota de travessia. Nesse contato com os paulistas, os caingangues resistiram às bandeiras (monções) e às tentativas oficiais de colônias militares, como as de Avanhadava e Itapura no Tietê. O baixo Tietê apresentava índice de alta insalubridade e mais de uma vez correntes povoadoras tiveram de recuar em suas tentativas de se estabelecerem em tais áreas.

Manfredi Neto (1995) diz que “... habitavam em cabanas cobertas de folhas de palmeiras, nunca fazendo divisões internas. (...) Criavam galinhas, domesticavam animais silvestres, tendo o cão como predileto. Viviam sem armamento sofisticado, com grandes arcos de pontas frequentemente revestidos de ferro; colhiam o mel selvagem, cortavam palmito cuja medula consumiam, utilizavam fibras vegetais para tecer e fabricar cestas; as culturas de feijão, abóbora e milho eram as mais comuns: sua cultura era feita em terrenos incendiados e não se sabe quanto tempo permaneciam em cada local, pois o nomadismo era acentuado entre eles”.

Mas com a expansão da lógica capitalista de propriedade da terra, essas terras indígenas foram ocupadas e o gênero de vida caingangue foi

¹Este trabalho é parte integrante da dissertação de mestrado defendida pelo autor em janeiro de 2009 no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Cadastrado no SIGA, NRP 2997, e registrado no CCTC, IE-17/2009.

²Geógrafo, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola (e-mail: danton@iea.sp.gov.br).

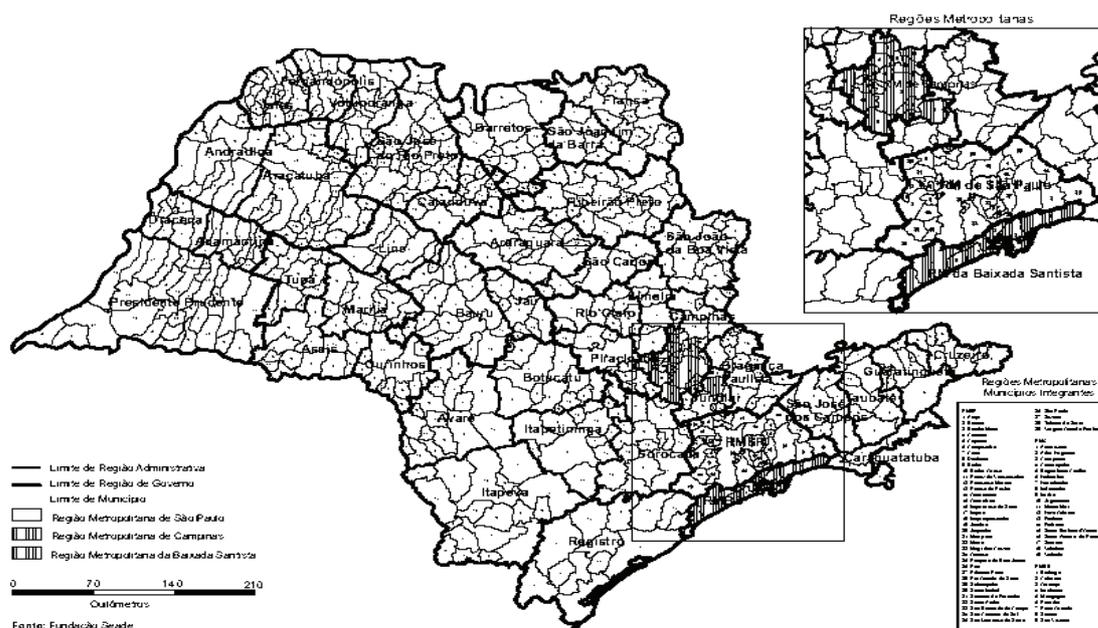


Figura 1 - Regiões Administrativas, Regiões de Governo e Regiões Metropolitanas, Estado de São Paulo, 2003.
Fonte: Fundação SEADE (2003).

praticamente dizimado. Desde meados do século XIX, os conflitos com os invasores paulistas se intensificaram. Ofendidos com a ocupação de suas terras nas proximidades do atual município de Bauru, os caingangues praticaram depredações e assassinaram dezenas de pessoas. Devido a essa resistência, findou-se o século e os interessados na posse das terras não conseguiram adentrar e anexar o Oeste com a pretendente introdução da monocultura cafeeira. A partir do ano de 1901, a luta se torna mais violenta. Em 1904, com o lançamento do decreto de concessão de construção de uma ferrovia de ligação ao Mato Grosso a partir de Bauru, a caça aos caingangues e a limpeza do futuro caminho dos trilhos se inicia de forma rápida e sanguinária.

Do momento da ocupação na primeira década do século XX até os anos 1930, foi a elite cafeeira, com seu circuito produtivo mundializado, quem iniciou a mecanização do espaço geográfico regional. De 1930 a 1945, o circuito produtivo do algodão, também mundializado, impôs novos sistemas de objetos e ações³ ao espaço regional,

³Sistemas de objetos são infra-estruturas materializadas na superfície da terra e em sua órbita pelo trabalho humano. Casas, móveis, ruas, avenidas, carros, escolas, prédios, parques, zoológicos, estradas, pontes, viadutos, indústrias, pastos, plantações, máquinas plantadeiras e

como, por exemplo, a instalação de grandes indústrias beneficiadoras. Em meados do século XX, após a crise no mercado algodoeiro, implementa-se na região um processo de ocupação da pecuária extensiva: mais de $\frac{3}{4}$ das terras regionais se direcionaram às pastagens e Araçatuba se populariza como a “capital do boi gordo”.

3 - EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA E URBANIZAÇÃO NA REGIÃO DE ARAÇATUBA

Em 1940, na Região de Araçatuba, como reflexo da ocupação cafeeira e algodoeira durante três décadas, tinha-se sedimentado uma rede de 22 aglomerações - municípios e vilas (que, como distritos de paz, depois se emancipariam). Possuindo uma população dispersa, que em sua maioria morava nas áreas rurais, no começo dessa década, computavam-se 288.474

colheitadeiras, aviões e satélites são alguns poucos objetos formadores e constituintes do sistema geográfico. Sistemas de ações são os fluxos que dão vida aos sistemas de objetos. Disso, compreende-se a impossibilidade de analisar os objetos e as ações isolados uns dos outros. Esses fluxos são impulsionados por intencionalidades humanas, sendo os principais os fluxos de informações, normas, pessoas, capitais e mercadorias (SANTOS, 2002).

pessoas. Na tabela 1 encontra-se a distribuição, para essa data, dessas aglomerações humanas por classe de população.

TABELA 1 - Distribuição das Aglomerações Humanas na Região de Araçatuba, Segundo Classes de População, 1940

Classe de população	1940
Até 5 mil	5
De 5 a 10 mil	9
De 10 a 20 mil	3
De 20 a 50 mil	5
De 50 a 100 mil	-
De 100 a 200 mil	-
De 200 a 500 mil	-
Mais de 500 mil	-

Fonte: IBGE (1940).

Em decorrência da expansão da estrada de ferro até o Mato Grosso e o surgimento desses novos povoados, durante a década de 1940, o crescimento demográfico regional se deu principalmente com o desenvolvimento dessas localidades surgidas, onde migrantes e imigrantes as escolheram para fazer a vida. Assim, comparando a evolução demográfica entre os anos de 1940 e 1950 dos municípios surgidos no começo do século XX com os nascidos no final da década de 1930, na sub-região de Andradina, tem-se aumento anual (3,45%) na década de 1940 maior do que o verificado em todo o Estado de São Paulo (Tabela 2).

TABELA 2 - População e Taxas Anuais de Crescimento Populacional por Sub-região, Região de Araçatuba, 1940-1950 (n. de pessoas)

Sub-região	1940	1950	Taxa anual de crescimento 1940-1950
Araçatuba	265.622	313.680	1,66
Andradina	22.852	110.147	15,73
Total	288.474	423.827	3,85
% do Estado	4,02	4,64	2,43

Fonte: IBGE (1940; 1950) e Costa e Wong (1992).

A região como um todo possuía 4% da população estadual. Imigrantes (principalmente japoneses) e migrantes (principalmente nordestinos) fundaram e povoaram os novos municípios. Entre os municípios mais antigos, alguns tiveram crescimentos anuais maiores que a média sub-

regional no período 1940-1950: Auriflora (2,5%), Buritama (4,6 %) e Araçatuba (3%): este último município, o maior da região, o único com mais de 50 mil habitantes, já figurava como pólo regional.

No ano de 1950, com uma ocupação predominantemente rural, a região de Araçatuba possuía 34 aglomerações - entre municípios e distritos de paz - que, distribuídas por classes de população, apresentava o município de Araçatuba como o único com mais de 50 mil habitantes (Tabela 3).

TABELA 3 - Distribuição das Aglomerações Humanas, Região de Araçatuba, Segundo Classes de População, 1950

Classe de população	1950
Até 5 mil	8
De 5 a 10 mil	12
De 10 a 20 mil	7
De 20 a 50 mil	6
De 50 a 100 mil	1
De 100 a 200 mil	-
De 200 a 500 mil	-
Mais de 500 mil	-

Fonte: IBGE (1950).

Requisitando de grande quantidade de mão-de-obra para os tratos culturais durante o ano todo, algodão e café - que tiveram vasta ocupação até a década de 1960, principalmente na sub-região de Andradina - mantiveram a expansão demográfica na noroeste paulista direcionada à zona rural. Sendo o processo produtivo "na lavoura" dos circuitos espaciais dessas culturas ainda pouquíssimo mecanizado, o trabalho realizado com técnicas manuais em elevada densidade reproduzia na espacialidade regional a formatação de sistemas de objetos e ações característicos do regime de colonato.

O progresso da cotonicultura continuou em marcha acelerada até 1944. O quinquênio 1940-1944 pode ser considerado o período áureo do algodão em São Paulo, assinalado por suas maiores safras. A safra de 1944 constituiu o recorde absoluto no volume de produção. Já, a safra de 1945 teve resultados desastrosos devido ao decurso desfavorável do clima que naquele ano foi muito adverso. Contudo, foi o poderio norte-americano no controle internacional desse setor o que mais caracterizou a retração da cultura do algodão no Estado de São Paulo. Pressionados pelo avolumar contínuo dos seus estoques

de algodão e a grande colheita dos países produtores, os Estados Unidos se viram compelidos a adotar uma política agressiva de exportação, com a alegação de constituir o restabelecimento de sua participação histórica no setor. Isso gerou uma redução dos preços internacionais em 1944, o que inibiu as perspectivas futuras dos paulistas em relação a essa cultura.

Com a crise, na região de Araçatuba, o que aconteceu foi uma redução do plantio nas áreas de formação de pastagens. Para abastecer a demanda do mercado interno, manteve-se em menor proporção a oferta da pluma e do caroço dos pequenos produtores às grandes empresas localizadas na região. Assim, a pecuária bovina se estabeleceu como a atividade com a funcionalidade hegemônica no uso do espaço geográfico regional. Monbeig (1998) afirma que *“nos arredores imediatos de Araçatuba, desde 1939 podiam ser vistos casas em ruínas, pomares invadidos pelo mato e o gado pastando em velhos cafezais ou em antigos campos de algodão”*. Esse abandono barateou o preço da terra e propiciou a especulação fundiária com a implantação da pecuária extensiva na região. Abriu-se espaço para um novo ciclo produtivo, que, preenchido de início por alguns pecuaristas mineiros, estruturou uma rede de poder regional baseada por fortes vínculos no âmbito nacional e, principalmente, com o capital estrangeiro.

Para criar condições de estruturação do setor nesse período, o governo federal, pelo Plano de Metas, desenvolvido no mandato de Juscelino Kubitschek, financiou via Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) a construção de frigoríficos no país. Na década de 1950, frutos dessa política pública, na região Noroeste Paulista surgem duas grandes indústrias de abate de gado: o Mouran⁴, em Andradina, e o Tmaia, em Araçatuba, que, como inovações anexas ao espaço geográfico, deram outro peso na balança das relações regionais com a totalidade do setor. Grande parte do gado em engorda localizado no entorno de Araçatuba passa a ser abatido nesses dois frigoríficos, que, complementados aos pequenos abatedouros rudimentares construídos com inspeção municipal ou sem nenhuma inspeção em quase todos os municípios da região e do estado, diminuem o percentual de abate das em-

⁴Moura Andrade, dono do frigorífico e das maiores invenções do período, era apelidado como “o rei do gado”.

presas localizadas na Grande São Paulo⁵. Com essas anexações, e constituindo-se na região com o maior rebanho do estado (20% do total), Araçatuba passa a exercer influência fundamental no preço do boi gordo em todas as praças do país.

Em termos de produtividade agrícola, diferente das agroindústrias (frigoríficos), que se aprimoravam no uso de importadas técnicas modernas em suas atividades (PINHEIRO; BODSTEIN, 1997), no campo, tinha-se um sub-aproveitamento das áreas (COSTA; WONG, 1992). Com um ainda pequeno investimento em pesquisa que possibilitasse a melhoria das pastagens, a principal funcionalidade aparentada com a posse e o uso das terras na Noroeste Paulista pela pecuária bovina de corte - onde 40% das áreas de pastagens se constituíam de propriedades acima de 1.500ha - era a especulação fundiária. À espera da valorização de suas terras e de atividades com melhores custos de oportunidade, os produtores mantinham um pastoreio super-extensivo, com a presença de áreas apresentando aproximadamente 1 boi para cada 2 hectares (IGREJA, 1987). Reflexo dessa subocupação, adicionada ao fato de que a pecuária é uma atividade que requer pouca mão-de-obra, no decorrer da década de 1950, o crescimento populacional da região começava a desacelerar. Sem mercado para vender o algodão e o café, parte dos proprietários rurais da sub-região de Andradina, como já se vinha fazendo nas proximidades de Araçatuba, começa a liberar suas terras para o pastoreio do gado. Com bem menos trabalhadores, desfaz-se da grande maioria dos colonos antes usados nos tratos da lavoura. Não possuindo emprego suficiente nos setores industrial e de serviços nas áreas urbanas para esses desempregados do campo, a migração para outras regiões do estado e do país foi a saída encontrada por muitos (Tabela 4).

Como se pode observar, entre 1950 e 1960, o crescimento populacional da região, de forma diferente do decênio anterior, foi menor do que o observado no Estado de São Paulo. Assim, sua representatividade na população total da província caiu de 4,64% para 3,76%. Durante a década de 1960, o esvaziamento da população continua (Tabela 5).

⁵Nesse momento, com o surgimento desses e de outros frigoríficos, o Estado de São Paulo concentrou a expansão do setor. No chamado Brasil-Central - Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná -, em meados de 1960, São Paulo realizava mais da metade dos abates nacionais.

TABELA 4 - População e Taxas Anuais de Crescimento Populacional por Sub-região, Região de Araçatuba, 1950-1960 (n. de pessoas)

Sub-região	1950	1960	Taxa anual de crescimento 1950-1960 (%)
Araçatuba	313.680	350.193	1,10
Andradina	110.147	131.613	1,78
Total	423.827	481.806	1,28
% do Estado	4,64	3,76	3,39

Fonte: IBGE (1950; 1960) e Costa e Wong (1992).

TABELA 5 - População e Taxas Anuais de Crescimento Populacional por Sub-região, Região de Araçatuba, 1960-1970 (n. de pessoas)

Sub-região	1960	1970	Taxa anual de crescimento 1960-1970 (%)
Araçatuba	350.193	358.842	0,24
Andradina	131.613	173.707	2,78
Total	481.806	532.549	1,00
% do Estado	3,76	3,00	3,27

Fonte: IBGE (1960; 1970) e Costa e Wong (1992).

Devido à destruição dos resquícios de cafezais que ainda existiam, mais braços de colonos deixam de ser requisitados, acentuando o percentual de pastagens para uma ocupação de 85% do espaço geográfico regional no final da década, ou seja, 1.540.617 hectares, com um rebanho de 1.373.000 cabeças de gado.

Crescendo a taxas anuais (1,0% ao ano), três vezes menores do que o estado (3,0% ao ano) como um todo, Araçatuba e sua hinterlândia perderam 0,76% no percentual da população estadual. Passou de 3,76% em 1960 para 3,0% em 1970. Dos 37 municípios existentes em 1970, 18 tiveram seu número de habitantes diminuídos na comparação com 1940 e 1950. Trinta deles, menores de 20 mil habitantes, viviam diretamente dependentes da economia do café ou do algodão.

O significativo dessa análise foi que a diminuição aconteceu entre os colonos, na zona rural. Na área urbana, o número de moradores se manteve quase inalterado. Então, pergunta-se: para onde se deslocou o colonato expulso do

campo?⁶ Costa e Wong (1992), observando os dados do crescimento vegetativo e do fluxo migratório na região de Araçatuba, concluíram que parte considerável desses trabalhadores rurais emigrou. Segundo as autoras, “... é sabido que a passagem da lavoura para a pecuária é um processo liberador de mão-de-obra. (...) Assim, na ausência de empregos alternativos na região, a população vem sendo forçada a procurar colocação, em números crescentes, em outras regiões do Estado ou fora dele. Assim se explica que a região se tenha constituído, depois de 1950, em região expulsora de população”.

Esse reordenamento da ocupação do espaço geográfico, também acontecido pela introdução de novas técnicas como o trator e implementos em substituição às atividades manuais, ocasionou reflexos na divisão social e territorial do trabalho. O campo deixa de ser hegemônico como lócus da maioria da mão-de-obra regional, perdendo espaço para as atividades industriais e de serviços. Assim, a região se urbaniza, entrando 1970 com 57,5% da população morando nas cidades. Tornando-se predominantemente urbana (57,9%), principalmente nos municípios maiores, parte dos colonos da região se deslocaram para as áreas urbanas de Araçatuba, Andradina e Pereira Barreto. Araçatuba, por exemplo, concretizando-se como capital regional, aumentou sua população de 59.452 em 1950 para 108.512 habitantes em 1970: com 80,07% de taxa de urbanização⁷, esse município firmou-se ainda mais na situação de pólo dentro da hierarquia urbana regional (Tabela 6). Naquele momento, na Noroeste, “Araçatuba é a única cidade, além disso, onde aparece comércio atacadista e onde o setor como um todo (comércio varejista e atacadista) tem expressão no conjunto das atividades econômicas” (REGO, 1990).

⁶A saída dos colonos e a opção pela pecuária, provavelmente, tenham se acentuado no início da década de 1960 pela mudança na legislação trabalhista, a partir da vigência do Estatuto do Trabalhador Rural (ETR).

⁷A taxa média do Estado de São Paulo em 1970 era de 80,3%.

TABELA 6 - Distribuição das Aglomerações Humanas na Região de Araçatuba, Segundo Classes de População, 1960-1970

Classe de população	1960	1970
Até 5 mil	8	12
De 5 a 10 mil	15	12
De 10 a 20 mil	7	6
De 20 a 50 mil	6	4
De 50 a 100 mil	1	2
De 100 a 200 mil	-	1
De 200 a 500 mil	-	-
Mais de 500 mil	-	-

Fonte: IBGE (1950;1960; 1970).

A presença da Cooperativa Agropecuária do Brasil Central (COBRAC)⁸, das agências bancárias, das sedes das associações de classe e a abertura e melhoria das estradas - como a pavimentação da Rodovia Marechal Rondon⁹ - que convergiam para Araçatuba, são algumas provas da centralidade que esse município cada vez mais passava a exercer como eixo do desenvolvimento regional polarizado.

A partir dessas transformações instaladas - que são novos objetos geográficos -, a centralidade do conhecimento e da informação regionalmente polarizada no município de Araçatuba sedimentou cada vez mais a atração dos fluxos de sua hinterlândia para si. Para o restante dos municípios, prioritariamente os pequenos, fundados e mantidos no período cafeeiro, destacou-se “... o progressivo esvaziamento populacional da região” (COSTA; WONG, 1992).

Reflexo dessa situação imposta pelo sistema pecuário foi a limitação do dinamismo industrial na região. Exceto alguns ramos, como o calçadista em Birigui, o balanço regional das atividades industriais é apresentado como o menor do Estado de São Paulo na década de 1970. Cadeia produtiva propulsora de pouca diversidade em seu complexo agroindustrial, em Araçatuba, a pecuária, através de seus atores econômicos - os pecuaristas -, não inverteu seus capitais em inovações ou em outras atividades produtivas, geradoras de diversificação e desenvolvi-

⁸Fundada em 1965.

⁹Ocorrida em 1961, a pavimentação de Lins até a barranca do Rio Paraná potencializou fluxos mais rápidos entre Araçatuba, as municipalidades de seu entorno, a região metropolitana de São Paulo e o porto de Santos.

mento. Assim, durante todo o período de intenso crescimento econômico mundial e nacional (1967-1973), em que o interior paulista foi o espaço geográfico mais retribuído com a expansão do meio técnico-científico no Brasil, a região de Araçatuba não se articulou para a recepção dos altos investimentos existentes naquele momento de liquidez dos mercados.

Chega-se aos anos 1980 e o comparativo demográfico com o momento anterior mostra mais uma vez decréscimo populacional. A expansão do uso de tratores, máquinas e implementos, aliada à hegemonia da pecuária, reprimiu com maior intensidade a demanda de mão-de-obra na zona rural regional (Tabela 7).

TABELA 7 - População Urbana, Rural e Taxa de Urbanização, Região de Araçatuba, 1970-1980 (n. de pessoas)

Ano	População urbana	População rural	Taxa de urbanização (%)
1970	308.701	223.848	57,9
1980	407.664	122.462	76,8

Fonte: IBGE (1970; 1980).

Com esse êxodo rural, há retração no número absoluto de habitantes e a região se urbaniza. Araçatuba, Birigui, Penápolis e Pereira Barreto constituíram as áreas urbanas que mais cresceram, recebendo parte dos desempregados rurais que passam a migrar para as cidades (Tabela 8). Assim, a sub-região de Andradina foi a que mais sofreu com a falta de desenvolvimento econômico.

TABELA 8 - População e Taxas Anuais de Crescimento Populacional por Sub-região, Região de Araçatuba, 1970-1980 (n. de pessoas)

Sub-região	1970	1980	Taxa anual de crescimento 1970-1980 (%)
Araçatuba	350.193	379.025	0,55
Andradina	173.707	151.101	-1,39
Total	532.549	530.126	-0,05
% do Estado	3,00	2,12	3,43

Fonte: IBGE (1970; 1980) e Costa e Wong (1992).

De 1969 a 1980, esta porção do espaço geográfico regional teve sua área agrícola produtiva diminuída de 473.332ha para 338.335ha (CAMARGO, 1983). Com exceção do milho, todas as outras atividades agropecuárias perderam espaço para a improdutividade. Pereira Barreto e Andradina, dois dos municípios dessa sub-região que mais haviam crescido na década de 1960, superando a marca dos 50 mil habitantes, mesmo se urbanizando, recuam sua população na década de 1970, pois não conseguiram absorver em suas áreas urbanas toda a população que vivia o êxodo rural.

Conseqüência dessa involução registrada no setor agrícola e da pouca diversidade industrial e de serviços existentes nas áreas urbanas, no decorrer da década de 1970, a Região Administrativa de Araçatuba continua a sofrer com a migração de parte de sua população para outras regiões, atingindo 1980 uma das densidades populacionais mais baixas do estado (COSTA; WONG, 1992).

Porém, algumas cidades cresceram: Araçatuba (1,76%), Penápolis (1,62%), Buritama (1,45%), Barbosa (1,30%) e Avanhadava (0,68%), a partir da introdução das primeiras destilarias da 1ª fase do PROÁLCOOL e a expansão dos cultivos do tomate rasteiro e do milho em suas proximidades, tiveram um pequeno acréscimo populacional devido à demanda de mão-de-obra para a colheita. Birigui, pólo industrial do calçado infantil, ultrapassando os 50.000 habitantes, é o município que mais expande, com uma taxa média de crescimento entre 1970 e 1980 de 3,82%. Os outros 31 municípios da região diminuem sua população no mesmo intervalo, continuando aquilo que já vinha acontecendo desde os anos da década de 1950: a polarização de um município (Araçatuba), que possuindo os instrumentos de comando regional (sindicatos patronais, instituições públicas estaduais e nacionais de fomento, agências bancárias, etc.), serve de intermédio nas decisões daquilo que acontece nas localidades do entorno (Tabela 9).

Somente no final da década de 1970, quando as economias nacional e mundial vivenciavam o início de uma extensa decadência, que Araçatuba e hinterlândia passam a receber com intensidade investimentos propiciadores de desenvolvimento regional. Data-se, já sob vigência do II PND (1975-1979), com os surgimentos do Programa Nacional do Alcool (PROÁLCOOL -

1975), e seus congêneres estadual (Pró-Oeste - 1980) e regional (Plano Regional de Produção do Alcool - 1979), o momento em que as políticas públicas caracterizadoras do processo de modernização do campo brasileiro vão ao encontro dos anseios de parte dos pecuaristas regionais.

TABELA 9 - Distribuição das Aglomerações Humanas na Região de Araçatuba, Segundo Classes de População, 1980

Classe de população	1980
Até 5 mil	17
De 5 a 10 mil	8
De 10 a 20 mil	5
De 20 a 50 mil	5
De 50 a 100 mil	1
De 100 a 200 mil	1
De 200 a 500 mil	-
Mais de 500 mil	-

Fonte: IBGE (1980).

Com o aumento da demanda de etanol e a escassez de áreas nas regiões tradicionais, vislumbra-se o oeste paulista como alvo da investida necessária à expansão dos canaviais: nas regiões de Araçatuba, Presidente Prudente e São José do Rio Preto se inicia o planejamento para anexação de novos objetos-técnicos constituintes do circuito espacial de produção canavieiro. Enquanto parte desse espaço geográfico requisitado pelo aumento da demanda do produto no mercado de combustíveis, na 1ª fase do PROÁLCOOL, quatro projetos enviados pelos fazendeiros da região de Araçatuba foram aprovados, o que resultou na construção das destilarias Aralco, Alcomira, Univalem e Campestre (anexa), nos respectivos municípios de Araçatuba, Mirandópolis, Valparaíso e Penápolis. As obras tiveram financiamento de 100% via SNCR, com juros reais negativos advindos dos subsídios governamentais. Começa a se constituir na Noroeste Paulista - exercendo Araçatuba a centralidade regional desse processo - a territorialidade daquilo que Rego (1990) denominou de binômio cana-boi: como tanto o complexo agroindustrial canavieiro, quanto a cadeia produtiva da pecuária bovina ficou sob o comando econômico dos mesmos atores hegemônicos, a denominação cana-boi, como manifestação dessa ligação, veio a calhar para a interpretação desse fenômeno.

A elite regional se convence do bom negócio e, em 1981, com a aprovação de novos projetos, instalam-se na região novas usinas: Benalcool (Bento de Abreu), Unialcool (Guararapes), Generalcool (General Salgado), Destivale, Alcoolazul e Cruzalcool (Araçatuba)¹⁰. Reflexo disso, em dois anos, de 1980 a 1982, a área regional plantada com cana passa dos 15 mil ha para 48 mil ha (Rego, 1990). Em 1983, expande-se para 83.290 ha, chegando na safra 1985/1986 a 111.370ha (IEA, 2008).

São novos objetos e ações que passam a ditar a lógica territorial da região. Mesmo cobrindo um percentual irrisório do circuito pecuário, surgem as experiências de confinamento e manejo de pastagens¹¹. Outros direcionam suas boiadas para as novas áreas de fronteira agrícola no Centro-Oeste e no Norte do país. Valorizam-se as terras no campo e nas cidades da hinterlândia do município de Araçatuba, onde ao findar da década de 1980 se centraliza politicamente o setor na região noroeste do Estado de São Paulo: cidade-sede da União das Destilarias do Oeste Paulista (UDOP), o município, através dessa entidade patronal, representava o setor em 1989 com 21 usinas de açúcar e álcool associadas.

Reflexo principalmente da expansão das áreas destinadas à lavoura canavieira - que requer alta quantidade de mão-de-obra principalmente no período da colheita - na região de Araçatuba, dos 37 municípios existentes, 25 deles, através do recebimento de migrantes principalmente do Nordeste e de Minas Gerais, tiveram aumento em sua população total e 36 tiveram aumento de sua população urbana, o que registra crescimento no índice de urbanização regional (Tabela 10).

¹⁰No Brasil, no ano de 1981, foram aprovados 175 projetos para a construção de novas destilarias anexas e autônomas enquadrados no PROÁLCOOL. O Estado de São Paulo foi o mais contemplado, com a aprovação de 151 desses projetos (BRASIL, 1981).

¹¹O Professor de Economia em Araçatuba, Ricardo de Assis Perina, em entrevista realizada no dia 01 de outubro de 2007, relatou duas experiências de confinamento de bovinos realizadas no início dos anos 1980. A primeira, tentada pela tradicional família pecuarista Tozi, devido aos riscos de custos e de escalas, não vingou. Já a empreendida pela Usina Univalem, no uso do bagaço da cana como alimento, segundo Perina, acontece até os dias atuais.

TABELA 10 - População Urbana, Rural e Taxa de Urbanização, Região de Araçatuba, 1980-1991

Ano	(n. de pessoas)		Taxa de urbanização (%)
	População urbana	População rural	
1980	407.664	122.462	76,8
1991	577.610	72.193	87,5

Fonte: IBGE (1980; 1991).

Para Rego (1990), “... as pequenas cidades estudadas conheceram um rápido crescimento populacional a partir da simples notícia da implantação das destilarias de álcool. Loteamentos novos, conjuntos habitacionais, cortiços e favelas abrigam os migrantes que se dirigem para as cidades da Região. É uma paisagem nova que abriga velhos problemas sociais brasileiros, alguns dos quais, até então não presentes nesse espaço ...”.

Araçatuba e Birigui são os municípios que mais crescem entre os Censos de 1980 e 1991. Sob o impacto do dinamismo agroindustrial sucroalcooleiro, com 40.000 novos moradores registrados, o município-sede da região intensifica sua função de prestador de serviços regionais, ampliando sua cobertura nos setores públicos (saúde, educação, habitação, etc.), bancários, do comércio em geral, de logística (arazenagem, transporte, comercialização, hotelaria), entre outros (Tabela 11). Novos loteamentos urbanos são criados na periferia para assistir a demanda por moradias populares e edifícios verticais, com vários pavimentos, são construídos em grande quantidade para atender principalmente a mão-de-obra qualificada do setor sucroalcooleiro (PINHEIRO; BODSTEIN, 1997).

Birigui, segundo maior município da região, consolidando-se popularmente como “a capital latino-americana do calçado infantil”, recebeu 25.000 novos moradores no decorrer da década de 1980. Com o aumento do número de estabelecimentos fabris e de empresas fornecedoras de insumos, a área urbana birigüense cresce em quase todas as direções. Distantes 10 quilômetros uma da outra, as áreas urbanas de Araçatuba e Birigui começam a ser interrogadas pela possibilidade de conurbação, ou melhor, como uma aglomeração urbana não-metropolitana.

TABELA 11 - Distribuição das Aglomerações Humanas na Região de Araçatuba, Segundo Classes de População, 1991

Classe de população	1991
Até 5 mil	16
De 5 a 10 mil	7
De 10 a 20 mil	5
De 20 a 50 mil	4
De 50 a 100 mil	2
De 100 a 200 mil	1
De 200 a 500 mil	-
Mais de 500 mil	-

Fonte: IBGE (1991).

Contudo, esse aumento populacional da região de Araçatuba foi quase 3 vezes menor do que o aumento populacional ocorrido em todo o Estado de São Paulo (Tabela 12).

TABELA 12 - População e Taxas Anuais de Crescimento Populacional por Sub-região, Região de Araçatuba, 1980-1991 (n. de pessoas)

Sub-região	1980	1991	Taxa anual de
			crescimento 1980-1991 (%)
Araçatuba	379.025	413.193	0,90
Andradina	151.101	164.417	0,88
Total	530.126	577.610	0,89
% do Estado	2,12	1,82	2,61

Fonte: IBGE (1980; 1991).

A involução metropolitana financiada pelo poder público via principalmente o II PND - com o objetivo de superar a crise substituindo importações - privilegiou uma interiorização do desenvolvimento mais próxima da Grande São Paulo. Foram as regiões de Campinas, São José dos Campos e Ribeirão Preto as que anexaram aos seus espaços geográficos regionais, com maior diversidade, os sistemas de objetos e ações propiciadores de crescimentos econômicos e demográficos maiores do que os do oeste paulista e da própria Região Metropolitana. A indústria química, mecânica, aeronáutica, a "indústria para a agricultura", uma rede de estradas duplicadas, entre outros, são elementos que deram

para o "interior próximo" à Grande São Paulo uma constituição de extensão de metrópole.

Limitado numa estrutura produtiva pouco diversificada, o oeste paulista concentrou nesse processo basicamente os "... segmentos predominantemente produtores de bens de consumo não-duráveis, em especial os da indústria alimentícia" (NEGRI, 1992). Embora possuidora de uma rede viária bem articulada - com a região de Araçatuba sendo cortada por duas grandes rodovias pavimentadas (SP 310 - Washington Luiz e SP 300 - Marechal Rondon), o oeste apresentava, no final dos anos 1980, um sistema viário bem menos denso do que o "interior próximo" à Grande São Paulo.

A região de Araçatuba, mesmo com a expansão da cultura canavieira - que condicionou um incremento de riqueza na economia regional -, manteve sua estrutura hegemônica de planejamento do espaço geográfico nas mãos dos pecuaristas, como bem relatado por Rego (1990) no denominado sistema cana-boi. Diferente da região de Ribeirão Preto, que se constituiu como a principal região do PROÁL-COOL no estado e no Brasil, Araçatuba - e o oeste - absorveu de maneira marginal e conservadora os benefícios do programa (somente 5,4% da produção estadual na safra 1985/86). Enquanto as "indústrias para a agricultura" (de produtos físico-químicos, mecânicos, e biológicos) continuaram concentradas principalmente nas regiões de Ribeirão Preto e Campinas, instalaram-se nas novas áreas (Araçatuba, São José do Rio Preto e Presidente Prudente), além das usinas, destilarias e dos canaviais, somente os serviços comerciais, de manutenção e de extensão rural direcionados à cultura.

No ano de 1989, o preço do barril do petróleo atinge preços baixíssimos e a cotação do açúcar sobe no mercado internacional: é a crise de abastecimento do álcool. Os consumidores passam a preferir os carros a gasolina, pois estes começam a apresentar preços relativos melhores: os usineiros direcionam seus investimentos para a produção do açúcar. Com essa queda da demanda do etanol, em meados da década de 1990, destilarias autônomas interromperam ou diminuíram muito suas produções e com a desregulamentação do setor (com o fim dos subsídios) uma reestruturação produtiva é iniciada. Aumentaram-se as escalas de produção das unidades agroindustriais, tendendo a perma-

nência somente dos grupos mais capitalizados. O mesmo acontece com a cadeia produtiva da carne bovina. Novos frigoríficos (equipados com as inovações do momento) são levantados nas regiões mais próximas das novas invernações (Centro-Oeste e Norte), reduzindo a importância relativa do Estado de São Paulo no setor. Nesse processo de reestruturação ocorreram as compras dos dois grandes frigoríficos da região - Mouran (Andradina) e Tmaia (Araçatuba)¹² - pelo grupo Sadia em 1989 e o fechamento do último - o de Araçatuba - no início dos anos 1990 (PINHEIRO; BODSTEIN, 1997).

Nesse desencadear de transformações, entre 1990 e 2000, a pecuária bovina de corte, mesmo diminuindo sua extensão de 1.316.900ha para 1.190.877ha, manteve-se como atividade hegemônica, ocupando 80% das terras da região¹³. Também cederam área nesse período as culturas de algodão, arroz, feijão, amendoim, café, laranja, milho e tomate rasteiro. Abacaxi, soja e cana-de-açúcar foram as culturas que mais expandiram nesse intervalo, atingindo a lavoura canavieira - mesmo com uma taxa de crescimento menos expressiva que os anos 1980 - a segunda colocação entre as atividades agropecuárias com maior extensão na ocupação do espaço agrícola regional (10,4%).

Sendo a cultura canavieira demandante de grande quantidade de mão-de-obra, principalmente no período da colheita, aumenta-se a população dos municípios que com localizações próximas das usinas foram receptores de canaviais. Estando estes presentes principalmente na sub-região de Araçatuba, como se observa na tabela abaixo, é essa sub-região que apresenta um maior aumento demográfico nessa última década do século XX. Penápolis, como uma cidade tradicional do setor sucroalcooleiro - com 30% da sua ocupação territorial executada pela cana-de-açúcar -, ultrapassa os 50.000 habitantes; Araçatuba, capital regional - mesmo com o desmembramento de seu território para a criação do município de Santo Antônio do Aracanguá - aumenta sua população em 20.000 pessoas; e Birigui, a partir da expansão de suas exportações de calçados, revigora suas

¹²Desde o início dos anos 1980, o frigorífico de Araçatuba (Tmaia) pertencia à família do grupo Mouran.

¹³Esses resultados são obtidos através da compilação dos dados apresentados pelo SIDRA (IBGE, 2008) e pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA, 2008).

escalas de produção, demandando mão-de-obra e recebendo no intervalo 1991-2000 quase 20.000 novos moradores (Tabela 13).

TABELA 13 - População e Taxas Anuais de Crescimento Populacional por Sub-região, Região de Araçatuba, 1991-2000 (n. de pessoas)

Sub-região	1991	2000	Taxa anual de crescimento 1991-2000 (%)
Araçatuba	413.193	464.339	1,10
Andradina	164.417	171.200	0,39
Total	577.610	635.539	1,00
% do Estado	1,82	1,71	1,46

Fonte: IBGE (1991; 2000).

Com crescimento de somente 0,39% ao ano, a sub-região de Andradina, lócus de uma maior proporção de pastagens e do único grande frigorífico presente na Região Administrativa de Araçatuba, é a porção do espaço geográfico regional que mais contribuiu para que a região como um todo declinasse em sua proporção frente à população total do Estado de São Paulo. Mantendo grandes áreas de pecuária extensiva, a criação de emprego e renda continuou aquém daquilo possibilitado com a cana-de-açúcar e outras culturas que em seus circuitos produtivos requisitam uma densidade maior de mão-de-obra. Nessa sub-região, o município de Andradina, enquanto pólo centralizador de alguns serviços públicos e agropecuários, supera pela segunda vez a quantia populacional de 50.000 habitantes. Sendo 5 dos 7 novos municípios criados na década de 1990 menores que 5 mil habitantes, aumentam no ano 2000 os municípios nessa faixa demográfica (Tabela 14).

TABELA 14 - Distribuição das Aglomerações Humanas na Região de Araçatuba, Segundo Classes de População, 2000

Classe de população	2000
Até 5 mil	22
De 5 a 10 mil	8
De 10 a 20 mil	6
De 20 a 50 mil	4
De 50 a 100 mil	3
De 100 a 200 mil	1
De 200 a 500 mil	-
Mais de 500 mil	-

Fonte: IBGE (2000).

A mão-de-obra requisitada nas atividades rurais, processo que ocorre desde a década de 1960 (ROSSINI, 1988), passa a residir cada vez mais em áreas urbanas. A partir da disseminação do uso dos modernos maquinários e implementos agrícolas, cada vez menos trabalhadores permanentes são requisitados nas propriedades rurais (Tabela 15).

TABELA 15 - População Urbana, Rural e Taxa de Urbanização, Região de Araçatuba, 1991-2000

(n. de pessoas)			
Ano	População urbana	População rural	Taxa de urbanização (%)
1991	577.610	72.193	87,5
2000	580.749	54.790	91,3

Fonte: IBGE (1991; 2000).

Assim, com a revitalização do PROÁL-COOL no Brasil a partir do final da década de 1990 e principalmente no limiar do novo milênio, conecta-se com a ascensão do preço da gasolina gerada com os conflitos bélicos intensificados na principal região fornecedora de petróleo do mundo: o Oriente Médio¹⁴. Mesmo com a introdução da inovação do carro *flex fuel*¹⁵, onde se anula praticamente a hipótese de desabastecimento de álcool como o gerado nos fins dos anos 1980 devido aos aumentos da oferta de petróleo e da demanda do açúcar, e com a problemática ambiental acentuada pelos relatórios surgidos no retrato do aquecimento global ocasionado principalmente pela queima dos combustíveis fósseis, compreende-se serem os custos relativos favoráveis ao álcool combustível em relação à gasolina derivada de petróleo os maiores possibilitadores da expansão da lavoura canavieira no Brasil e especificamente na região de Araçatuba. Nessa perspectiva de mudança do paradigma energético mundial, em que vários países do mundo estudam a anexação do etanol como um dos combustíveis alternativos,

¹⁴Em meados de 2003, o preço do barril do petróleo estava valendo ao redor dos 25 dólares; em julho de 2006 atingiu 75 dólares, e no momento atual - segundo semestre de 2008 -, beira os 150 dólares.

¹⁵Os carros *flex fuel* são aqueles que a partir da década de 1990 são colocados no mercado pela indústria automobilística. Estes surgem como possibilitadores de reabastecimento tanto com gasolina como com álcool. Quando o preço do álcool é até 75% o valor da gasolina, esse primeiro produto tem um custo relativo ao consumidor inferior ao do segundo produto: acima dessa percentual, o reabastecimento com a gasolina é mais vantajoso.

as projeções realizadas por especialistas apontam o reajuste da produção do álcool brasileiro dos 17,7 milhões de metros cúbicos anuais do ano safra 2006/2007 para 38 milhões de metros cúbicos na safra 2012/2013. Diante da produtividade média apresentada nos níveis técnicos atuais, esse aumento da demanda requererá a expansão da área cultivada com cana-de-açúcar dos atuais 6.200 milhões de ha para aproximadamente 10.500 milhões de ha no ano de 2013¹⁶.

Com a inexistência de áreas para a extensão dos canaviais em contigüidade aos já existentes na região de Ribeirão Preto e nos terrenos de declividade que impossibilitam o corte mecanizado nas outras regiões tradicionais como Piracicaba, o oeste paulista, igual à década de 1980, apresenta-se - com Araçatuba se fortalecendo enquanto centralidade política do setor - como o fragmento do território paulista mais propício para o aprofundamento da anexação de objetos e ações do circuito espacial produtivo canavieiro. Tradicionais pecuaristas que na década de 1980 resistiram ao projeto sucroalcooleiro não suportam as ofertas dadas pelas usinas ao arrendamento de suas terras. Adicionado ao declínio do preço da arroba vigorante nessa primeira metade da década, inicia-se um processo mais intenso de deslocamento da boiada para pastagens do centro-oeste e norte do país. Do biênio 2000/2001 a 2003/2004, 15 novas unidades produtivas do oeste paulista e centro-sul do país se incorporam à centralidade adquirida por Araçatuba nesse novo momento do setor. Dessa forma, a Região Administrativa de Araçatuba, como uma das ofertantes de parte da cana processada pelas usinas do oeste paulista, aumentou sua área de produção de 180.399 ha em 2001 para 251.902 ha em 2006 (IEA, 2008). Todo esse processo contribuiu para um aumento populacional mais vigoroso na região entre 2000 e 2007 (Tabela 16).

Crescendo 1,41% ao ano - taxa maior que a do Estado de São Paulo como um todo (que cresceu 1,10% ao ano) -, a população da Região Administrativa de Araçatuba aumenta sua representação na população paulista no decorrer desses setes anos analisados: passa de um percentual de 1,71% para 1,77% da população total do Estado de São Paulo. É uma reversão do ciclo de esvaziamento populacional que se observa de 1950 a 2000!

¹⁶Dados estimados pela União das Destilarias do Oeste Paulista (UDOP).

TABELA 16 - População e Taxas Anuais de Crescimento Populacional por Sub-região, Região de Araçatuba, 2000-2007

(n. de pessoas)			Taxa anual de crescimento 2000-2007 (%)
Sub-região	2000	2007	
Araçatuba	464.339	525.807	1,89
Andradina	171.200	182.420	0,93
Total	635.539	708.227	1,41
% do Estado	1,71	1,77	1,10

Fonte: IBGE (2000) e Contagem da população (IBGE, 2007).

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere aos diferentes momentos de ocupação das terras na região de Araçatuba, presenciou-se a predominância de um uso hegemônico direcionado por demandas externas à configuração regional. Por mais que as parcelas técnicas introduzidas para a formatação dos elos dos circuitos produtivos no espaço geográfico estudado sempre estiveram sob o gerenciamento de uma elite provinciana, as parcelas políticas que direcionaram suas introduções surgiram sob os ditames e demandas de forças longínquas (SANTOS, 2002).

Sendo assim, mesmo gerando crescimento econômico, o que se visualiza diante dessa lógica instaurada na dinâmica dos espaços geográficos locais ou regionais é uma concentração da riqueza social produzida nas mãos de poucos atores: sejam eles os que exercem o comando técnico *in lócus* ou os que no comando político-econômico escoam a mais-valia para fora do lugar ou região. Resta aos atores subalternos uma fatia minúscula dessa riqueza gerada, ficando muitos no limite da sobrevivência.

Exemplificando para o momento atual, onde a expansão da cana-de-açúcar tem propi-

ciado crescimento econômico na região de Araçatuba, com a geração de empregos diretos e inditos ao setor, a parcela mais acolhida nesse processo, formada por cortadores de cana, vive, em sua maioria, em condições sub-humanas. Mesmo com os usineiros e suas entidades representantes - como a UDOP em Araçatuba - relatam que o desrespeito à legislação trabalhista - em que o empregador não concede aos trabalhadores as condições mínimas normatizadas nas convenções coletivas entre as partes - ser um fenômeno irrisório no setor canavieiro¹⁸, pipocam na imprensa regional e nacional retratos que dão uma sensação de que a ilegalidade insalubre do trabalho no corte da cana-de-açúcar acontece em uma escala bastante significativa.

Contudo, os questionamentos diante dessa lógica de expropriação e concentração da riqueza gerada nos lugares e nas regiões não perpassam apenas a "ilegalidade" de ações como as mencionadas acima. Novamente exemplificando a atividade canavieira nas redondezas de Araçatuba, os contratos de pagamento aos cortadores de cana e aos arrendatários donos das terras se baseiam na flutuação do preço da tonelada da cana mês a mês. Diante de uma contabilidade na qual as margens de lucro dos atores hegemônicos são sempre mantidas, milhares de pessoas vivem a instabilidade gerada pela oscilação do mercado dos produtos do setor. Assim, conclui-se que a gestão dos lugares e regiões passa longe da grande maioria que os produzem com seu trabalho e neles sobrevivem.

¹⁸Segundo Antônio César Salibe, diretor-executivo da UDOP, segundo estimativas da entidade, na região de Araçatuba, somente 5% da mão-de-obra no corte da cana-de-açúcar são contratadas fora dos ditames da legislação trabalhista.

LITERATURA CITADA

BRASIL. Ministério da Indústria e do Comércio. Instituto do Açúcar e do Alcool. **Relatório/1981**. Rio de Janeiro: IAA, 1981.

CAMARGO, A. M. M. P. de. **Substituição regional entre as principais atividades agrícolas no Estado de São Paulo**. 1983. 236 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias)-Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba, 1983.

COSTA, L. B.; WONG, L. R. **Análise demográfica regional - Região de Araçatuba**: uma área de esvaziamento populacional? São Paulo: SEADE, 1992.

IGREJA, A. C. M. **Evolução da pecuária bovina de corte no Estado de São Paulo (1969-1984)**. 1987. 197 p. Dissertação (Mestrado em Economia Agrária)-Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiróz", Piracicaba, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo demográfico**: 1940. Rio de Janeiro: IBGE, 1940.

_____. **Censo demográfico**: 1950. Rio de Janeiro: IBGE, 1950.

_____. **Censo demográfico**: 1960. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

_____. **Censo demográfico**: 1970. Rio de Janeiro: IBGE, 1970.

_____. **Censo demográfico**: 1980. Rio de Janeiro: IBGE, 1980.

_____. **Censo demográfico**: 1990. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

_____. **Censo demográfico**: 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

_____. **Contagem da população**: 2007. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

_____. **Banco de dados agregados**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 26 nov. 2008.

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. **Banco de dados IEA**. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/>>. Acesso em: 24 nov. 2008.

MANFREDI NETO, P. **O trem da morte**: o imaginário do progresso na Noroeste (1905-1930). 1995. 181 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Hucitec-Polis, 1998.

NEGRI, B. Desconcentração da indústria paulista nos últimos vinte anos (1970-1990). In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 21., 1992, Campos do Jordão (SP). **Anais...** Campos do Jordão: ANPEC, 1992.

PINHEIRO, C.; BODSTEIN, O. **História de Araçatuba**. Araçatuba (SP): Academia Araçatubense de Letras, 1997.

REGO, M. T. R. **Proálcool na região de Araçatuba**: o doce fel do binômio cana-boi. 1990. 200 p. Tese (Doutorado em Geografia Humana)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

ROSSINI, R. E. **Geografia e gênero**: a mulher na lavoura canavieira paulista. 1988. 364 p. Tese (Livre Docência)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

SANTOS, M. **Natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

MUDANÇAS NA COMPOSIÇÃO DAS CULTURAS AGRÍCOLAS E A URBANIZAÇÃO NA REGIÃO DE ARAÇATUBA, ESTADO DE SÃO PAULO

RESUMO: Durante sua história, a região de Araçatuba, após o domínio indígena, presenciou a ocupação de algumas culturas - café, algodão, pecuária bovina e cana-de-açúcar - que hegemonizaram

o uso de suas terras agrícolas. Neste trabalho são apresentados esses vários momentos da ocupação do espaço geográfico regional, as principais infra-estruturas instaladas e algumas implicações sócio-espaciais resultantes desses processos, como a urbanização.

Palavras-chave: café, algodão, pecuária bovina, cana-de-açúcar, urbanização.

**CHANGES IN AGRICULTURAL ACTIVITY COMPOSITION AND URBANIZATION
IN THE REGION OF ARAÇATUBA, STATE OF SAO PAULO, BRAZIL**

ABSTRACT: Major players along the history of Araçatuba region - when native Indian tribes no longer dominated the region - were coffee, cotton and sugar cane crops. Associated with cattle breeding, these activities have hegemonically occupied tillable lands. This work portrays several moments of the occupation of this regional geographic space as well as socio-spatial effects of this process, such as urbanization.

Key-words: coffee, cotton, cattle breeding, sugar cane, urbanization.

Recebido em 10/03/2009. Liberado para publicação em 28/04/2009.

Informações Econômicas, SP, v.39, n.5, maio 2009.